

4. Considerações finais

São estreitas as relações existentes entre os meios de comunicação e a cidade. Nos últimos anos, teóricos e pensadores tem sentido necessidade de compreender melhor as questões urbanas, “visto que é nas metrópoles que se constitui boa parte da simbologia midiática contemporânea” (Freitas e Nassif, 2005, p. 2005). Podemos afirmar que as narrativas das cidades estão inseridas nas mídias assim como as mídias se revelam cotidianamente nos espaços da cidade. Folhetos, *folders*, *outdoors*, capas de jornais afixadas nas inúmeras bancas espalhadas por uma megalópole como o Rio de Janeiro, revistas, painéis eletrônicos, telas de computadores, aparelhos de TV, *busdoors* e etc. Em um contexto caracterizado pela proliferação de suportes e narrativas midiáticas, momento em que os meios de comunicação irrigam quase absolutamente a vida social, a televisão e o telejornalismo ainda possuem lugar de destaque na experiência de comunicação midiática brasileira. É, pois, a partir deste contexto de valorização do pensamento sobre a cidade e das costuras possíveis entre o urbano e o midiático, que lançamos o olhar para as narrativas do **RJTV 1ª edição**.

Deste modo, *Sujeitos e espaços televisionados* se propôs a apreender sentidos sobre os sujeitos e espaços citadinos mediados nos textos telejornalísticos do RJTV. Optamos por analisar as narrativas a partir de dois recortes: a *epidemia de dengue e logradouros e vias urbanas*. A opção por estes recortes deveu-se, essencialmente, à relevância dos enquadramentos tanto nas edições que compõem o *corpus* da pesquisa quanto na forma editorial do RJTV abordar a vida urbana. A temática da dengue foi a mais noticiada, sendo destaque, por exemplo, em todas as escaladas das edições analisadas. Quase sempre, o tema era o de abertura do noticiário. Além da importância jornalística da epidemia de dengue no RJTV, o recorte revelou-se fecundo para análise dos sujeitos e espaços citadinos, com destaque para os primeiros. As notícias e reportagens utilizaram fartamente de sonoras de diversos tipos de sujeitos, habitantes da cidade do Rio de Janeiro, tais como políticos, artistas famosos, agentes de saúde, médicos e também o indivíduo comum, o "homem ordinário" (Certeau, 2004).

O segundo recorte - logradouros e vias urbanas - revelou-se profícuo, especialmente, para produção de sentidos acerca dos espaços da cidade nas

narrativas telejornalísticas. Neste recorte não observamos a profusão de narrativas, tal como verificado no recorte da epidemia de dengue. Contudo, se no recorte da dengue constatamos um tratamento jornalístico pelo viés epidêmico, num nítido redimensionamento da rotina do telejornal, este nos diz de uma abordagem cotidiana do RJTV que extrapola as edições analisadas; trata-se de uma orientação editorial claramente identificada e uma forma relativamente estável do telejornal abordar a vida na cidade.

Com relação aos sujeitos citadinos, delineamos alguns sentidos que merecem ser brevemente retomados. Um dos tipos de sujeitos encontrados nas narrativas foi o "olimpiano" (Morin, 1972), tratamento conferido a personalidades e artistas famosos que eram convidados pelo RJTV a participar das edições e incentivar o telespectador a doar sangue. A partir da construção teórica do pensador francês e de outros autores, percebemos nas narrativas um tratamento diferenciado a esses sujeitos. Uma das formas de diferenciação foi uma espécie de "ritualização", que adiava o "contato" do telespectador com o olímpiano para os momentos finais da edição. Neste sentido, na escalada do noticiário os âncoras mencionavam a participação do olímpiano; no decorrer do telejornal, ao vivo, um dos repórteres reforçava a presença do entrevistado. Apenas no fim do noticiário o personagem era entrevistado pelo repórter. Foi o caso, por exemplo, do ator da Rede Globo, Tony Ramos, que nos momentos finais da edição de 02 de abril de 2008 "doou" sangue e incentivou o telespectador a também realizar um gesto de solidariedade. Além disso, quase sempre os âncoras referem-se aos artistas a partir de expressões como "convidado especial" ou "participante ilustre".

Também encontramos nas narrativas telejornalísticas aqueles sujeitos que assumem posições institucionais, ou seja, que aparecem representando os cargos ou funções que ocupam em circunstâncias e contextos específicos. Nestes casos, quase sempre os sujeitos aparecem nas narrativas exercendo funções ou dizendo da atribuição do grupo ou corporação do qual fazem parte. Desta forma, nas narrativas analisadas encontramos Governador de Estado, Secretário de Estado da Saúde, profissionais do Corpo de Bombeiros respondendo a demandas dos jornalistas do RJTV. Quase sempre esses entrevistados são interpelados em situações em que se exige a participação deles para resolução de determinada questão, geralmente questões emergenciais, que representam alguma ruptura em

relação ao modelo de normalidade considerado socialmente pelos elaboradores do telejornal. Especificamente no caso da epidemia de dengue, percebemos nos textos que os sujeitos públicos (Secretário de Estado da Saúde e Governador de Estado) também aparecem dizendo de medidas menos emergenciais e mais preventivas, de modo a evitar, por exemplo, epidemias futuras. No entanto, devido à própria forma como o RJTV lida com os fatos cotidianos da cidade, nas narrativas analisadas quase sempre esses sujeitos são interpelados em situações e contextos em que se exige deles posicionamentos e enunciados de caráter emergencial.

Nas narrativas encontramos muitos sujeitos que são usados pelos repórteres para conferir veracidade ao acontecimento jornalístico narrado. Nestes casos, em geral, as sonoras são curtas e não são identificadas. Ou seja, o entrevistado aparece sem nome ou profissão, servindo ao enquadramento que o jornalista pretende conferir à matéria. Ao contrário do olimpiano, por exemplo, que tem um tratamento diferenciado e individualizado na narrativa do telejornal, nestes casos há narrativas em que encontramos depoimentos de quatro sujeitos em uma única reportagem, sendo que em nenhum deles se credita o nome ou profissão.

Nas narrativas que tomamos como objeto do olhar, encontramos muitos sujeitos comuns, o "homem ordinário" de que nos fala Certeau. Geralmente estes sujeitos, tal como os percebemos no noticiário, não aparecem representando alguma instituição ou cargo de elite, mas se encontram muito presentes nos textos do RJTV. Por um lado, eles aparecem como testemunhas oculares de determinados acontecimentos jornalísticos; neste sentido, também servem para dar veracidade ao texto do repórter. Também percebemos que muitas das narrativas, todas elas no recorte da dengue, dramatizam experiências desses sujeitos. Ou seja, experiências pessoais como a morte de um familiar ou a longa espera por atendimento médico, são tornadas públicas pelo telejornal, na maior parte das vezes, com o consentimento destes sujeitos, que se dispõem a relatar suas experiências.

Ao narrar experiências dramáticas dos sujeitos, os textos do RJTV revelaram a precariedade dos serviços e dos espaços da saúde na cidade do Rio de Janeiro. A espera por atendimento e as filas cotidianamente mostradas evidenciam

uma espécie de incapacidade da rede pública do estado e município em lidar com situações epidêmicas, tanto que se tornou necessária a vinda de médicos de outros estados do Brasil para reforçar o atendimento nos hospitais e postos de saúde.

A relação que se estabelece do RJTV com os espaços da cidade revela que os jornalistas estão cotidianamente atentos a determinados fatos que acontecem no espaço urbano, numa situação de vigilância sobre estes espaços. Acontecimentos que representam alterações na rotina urbana tais como incêndios e acidentes, parecem ser jornalisticamente relevantes aos olhos dos profissionais do telejornal. Para construir estes acontecimentos, observamos que algumas vezes os elaboradores montam uma estrutura de cobertura especial, com participações dos estúdios (com o Radar RJ, por exemplo), do Globocop e dos locais dos acidentes, sendo muitas delas inserções ao vivo. Contatamos, ainda, uma preocupação constante de atualizar os acontecimentos no decorrer do noticiário, de modo a deixar o telespectador informado acerca dos “últimos” acontecimentos. .

Aos narrar acontecimentos citadinos, os textos audiovisuais do RJTV evidenciam um espaço urbano objeto de intervenções constantes por parte de sujeitos “legitimados” para tais tarefas. Na maior parte das vezes, estas intervenções visam “regular” a cidade, organizar a “desordem” inerente a uma megalópole como o Rio de Janeiro. A partir de um olhar mais atento às narrativas, podemos perceber que, ao assumir determinados vieses textuais, o próprio telejornal nos parece buscar a reorganização da cidade por meio das narrativas que tece. Muitas vezes, o tratamento editorial conferido a uma reportagem, a escolha das imagens, as formas como os textos são organizados, a seleção dos entrevistados, as imagens que não são mostradas, buscam construir sentidos favoráveis a determinados pontos de vista. Neste sentido, enquanto um mecanismo privilegiado de construção cotidiana da realidade, longe de atuarem como espelhos do real, os telejornais constroem determinadas realidades e as apresentam ao telespectador.

Neste sentido, dos sujeitos sobre os quais buscamos construir sentidos encontramos um que teve destaque especial, a saber, o telejornal RJTV 1ª edição. Ao narrar a cidade e os acontecimentos citadinos, o telejornal procede muitas vezes a auto-referenciação, quase sempre de maneira direta. A cobertura da campanha por doação de sangue promovida pela Rede Globo, por exemplo, foi

paradigmática neste sentido. Do mesmo modo, em abordagens corriqueiras, lá está o telejornal a destacar seus feitos, a elogiar seus repórteres, a destacar sua função social de alertar a população para determinadas questões. Na maior parte das narrativas, o sujeito telejornal se apresenta como um sujeito ativo e legítimo a narrar a cidade, assumindo posicionamentos com relação aos fatos narrados e expondo, assim, os valores e regras sociais por ele partilhados.

Ao construir os acontecimentos jornalísticos da cidade do Rio de Janeiro, as narrativas do RJTV revelam cotidianamente um outro sujeito, o que se encontra além da tela da TV, a saber, a audiência, o telespectador do noticiário. Preocupação constante por parte dos elaboradores é tornar o público “parte” do processo de produção do telejornal, ainda que os limites desta “participação” sejam rigorosamente restritos. Sinteticamente, podemos encontrar uma orientação para a audiência tanto a partir de formas por meio das quais o público pode “participar” (via e-mails, enviando vídeos destacando-se os problemas da comunidade onde vive), quanto por meio de referências como: “você, telespectador do RJ”; “você no RJ”, dentre várias outras. Ao tornar visível o “receptor”, o RJTV parece buscar construir uma relação comunicativa que, ao menos em aparência, seja menos hierárquica, conferindo um tom de circularidade ao processo comunicativo. Por este raciocínio, as posições dos emissores e receptores, em tese, tornar-se-iam menos estanques.

Os sentidos produzidos por esta pesquisa acerca dos sujeitos e espaços da cidade não são conclusivos. Trata-se, sobretudo, de um olhar que se dispõe a ver a partir de determinados pontos de vista e determinadas leituras teóricas e práticas de vida. Deste modo, estes são apenas alguns dos sentidos, dentre uma infinidade de caminhos e leituras possíveis.